

A INTERPRETAÇÃO DE GLIDES INTERVOCÁLICOS NO PORTUGUÊS

THAÏS CRISTÓFARO SILVA
(Universidade Federal de Minas Gerais)

ABSTRACT

In this Paper we analyse forms in which a glide is flanked between two vowels in Brazilian Portuguese, e.g. [méja] 'half'. First we consider the potential interpretations for intervocalic glides within the Government Phonology framework. Then we will propose that intervocalic palatal glides in Brazilian Portuguese must be understood as derived from a nuclear position filled with a high front vowel. Our analysis accounts for the distribution of intervocalic glides in relation to primary stress in Brazilian Portuguese.

0 – INTRODUÇÃO¹

Esta seção tem dois objetivos. O primeiro é o de apresentar a estrutura morfológica de nomes e adjetivos que assumimos para o português a qual é relevante para a nossa análise.² O segundo objetivo é o de identificarmos os ambientes em que os glides intervocálicos ocorrem e as restrições impostas a sua distribuição em relação ao acento primário.

Em nossa análise discutiremos os casos em que o glide intervocálico é palatal, i.e. [j]. Esta opção pauta-se no fato de que glides intervocálicos posteriores, i.e. [w], ocorrem em muito poucas formas do português (cf. por exemplo Mauá, Ananindéua, Piauí, Cauê). Uma vez que os dados que apresentam glides intervocálicos posteriores não são quantitativamente significativos para a discussão apresentada neste artigo, estes não serão incluídos em nosso corpus.

Assumimos que a estrutura morfológica de todos os nomes e adjetivos em português apresenta uma raiz imediatamente seguida por uma po-

¹ Este artigo faz parte de análise apresentada em Cristófaró Silva (1992b) que discute em detalhes o comportamento de glides em português. Um resumo de tal análise é apresentado em Cristófaró Silva (1994).

² Restringimos nosso corpus a nomes e adjetivos uma vez que a estrutura morfológica destas categorias é mais simples de ser apresentada. Entretanto, a análise proposta aqui se aplica a qualquer categoria gramatical do português.

sição nuclear que corresponde ao sufixo de gênero. O sufixo de gênero pode ser vazio (i.e. não ter conteúdo fonético (cf. (1a)), ou poderá alternativamente se manifestar como [i, û, a] (cf. (1b-d)). Exemplos são dados em (1).

(1)	a.	(pas + Ø)	[pás]	'paz'
	b.	(pas + i)	[pási]	'passe'
	c.	(pas + û)	[pásû]	'passo'
	d.	(pas + a)	[pása]	'passa'

Em (2) apresentamos dados onde glides intervocálicos ocorrem.

(2)	a.	[sája]	'saia'
	b.	[idéja]	'idéia'
	c.	[kúja]	'cuia'
	d.	[méjû]	'meio'
	e.	[apójû]	'apoio'
	f.	[gojába]	'goiaba'
	g.	[majó]	'maiô'
	h.	[bajuka]	'baiúca'
	i.	[fejózû]	'feioso'
	j.	[bajonéta]	'baioneta'

Em (2a-e) o glide intervocálico ocorre em posição postônica. Em (2f-j) o glide intervocálico ocorre em posição pretônica. Observamos em (2a-e) que o glide intervocálico sempre ocorre precedido por uma vogal tônica, i.e. [apójû] 'apoio'. Em (3) propomos uma condição de restrição imposta aos glides intervocálicos em relação ao acento primário.

(3) Glides intervocálicos postônicos requerem que o acento primário caia na penúltima sílaba, i.e. [apójû] 'apoio'. Tal restrição exclui formas como *[ápojû] e *[apójûkû]/ *[gójaba].

A restrição apresentada em (3) impõe a seguinte condição: em formas que apresentam glides intervocálicos postônicos o acento primário terá padrão penúltimo (excluindo portanto formas com padrão acentual antepenúltimo que apresentem glides intervocálicos postônicos, i.e. *[ápojû] e *[gójaba].

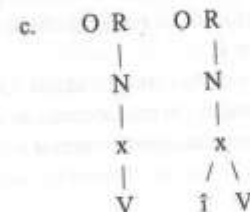
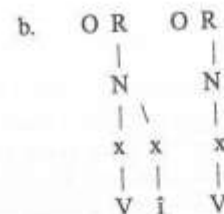
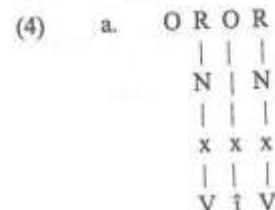
Na próxima seção apresentamos as possíveis interpretações para glides intervocálicos em relação a estrutura silábica.

1 – A REPRESENTAÇÃO DE GLIDES INTERVOCÁLICOS

Modelos fonológicos não-lineares de maneira geral interpretarão glides intervocálicos como casos em que uma vogal alta seja silabificada em posição de onset (entre dois núcleos) ou em que uma vogal alta seja silabi-

ficada em uma posição nuclear (como parte da representação de um ditongo). Adotaremos aqui a Teoria Fonológica de Governo (FG) como recurso teórico para apoiar a análise a ser apresentada. Uma análise contrastiva da proposta apresentada aqui em outros modelos teóricos certamente seria bastante interessante. Contudo, uma abordagem multi-teórica nos levaria além do propósito deste trabalho.

A FG assume que segmentos são constituídos de elementos que podem ocorrer sozinhos ou combinados entre si (cf. Kaye, Lowenstamm & Vergnaud (1985), Harris (1990), Yoshida (1991)). Glides correspondem aos casos em que os segmentos [i, û] (que correspondem a vogais altas não-tensas) ocorrem numa posição que não seja de cabeça nuclear dentro da estrutura silábica. Quando [i, û] ocorrem em uma posição de cabeça nuclear são portanto manifestados como vogais. Em (4) apresentamos as possíveis representações para glides intervocálicos palatais (V correspondendo a uma vogal).



Em (4a) o segmento [i] é silabificado numa posição de onset (entre duas posições nucleares). Onset não corresponde a uma posição de cabeça nuclear, portanto teremos a manifestação de um glide palatal intervocálico, i.e. [VjV]. Em (4b) temos um núcleo preenchido por um ditongo pesa-

do imediatamente seguido por uma posição nuclear.³ Note que a vogal alta não ocupa uma posição de cabeça nuclear (que neste caso é a posição mais a esquerda da representação a qual é preenchida por V). Temos então em (4b) uma representação possível para glides intervocálicos, i.e. [VjV]. Finalmente, em (4c) temos uma posição nuclear imediatamente seguida por outra posição nuclear preenchida por um ditongo leve.⁴ No ditongo leve a cabeça nuclear encontra-se a direita. Portanto, [i] ocorre em uma posição que não é de cabeça de núcleo e é manifestado como um glide, i.e. [VjV].

Na próxima seção pretendemos analisar a ocorrência de glides intervocálicos em português com o objetivo de definirmos a interpretação mais adequada para a sua silabificação.

3 – A INTERPRETAÇÃO FONOLÓGICA DE GLIDES INTERVOCÁICOS EM PORTUGUÊS

A hipótese mais simples de ser adotada é aquela em que o glide corresponde a uma vogal alta silabificada em posição de onset (cf. (4a)). Assim, uma forma como [sája] 'saia' deve ter a seguinte representação:

(5)

O	R	O	R
	N		N
x	x	x	x
s	a	i	a

Se a representação acima é adequada esperamos encontrar formas com o padrão acentual antepenúltimo que apresentem glides intervocálicos. De acordo com esta proposta uma forma hipotética como [ápojû] deve ocorrer. Neste caso o acento primário seria assinalado a terceira vogal da direita para a esquerda, correspondendo ao padrão acentual antepenúltimo. Assim, [ézitû] 'exito' e [ápojû] apresentariam o mesmo padrão acentual (antepenúltimo). O onset final em [ézitû] seria preenchido por t e o onset final em [ápojû] seria preenchido por j.

Contudo, formas como *[ápojû] não ocorrem em português. Quando o glide intervocálico ocorre precedendo a vogal correspondente ao sufixo de gênero, o acento primário cai na vogal imediatamente anterior ao glide, i.e. [apójû]. A falta de formas com padrão acentual antepenúltimo apresen-

tando glides intervocálicos parece dar evidência de que glides intervocálicos não correspondem a uma vogal alta silabificada em posição de onset. Em outras palavras uma representação como (5) parece não ser adequada. Isto é porque se o glide ocupasse uma posição de onset esperaríamos encontrar formas com padrão acentual antepenúltimo com glide intervocálico postônico – o que não é o caso.

Entretanto, há uma restrição imposta as consoantes palatais que não permite estes segmentos ocuparem a última posição de onset em formas com padrão acentual antepenúltimo, i.e. *[mánîla], *[gáliña], *[kúríʒa] e *[búlaša] não ocorrem em português. Quando consoantes palatais ocupam a posição final de onset o acento primário cai obrigatoriamente na vogal que precede tal onset, i.e. [maníla] 'manilha', [galiña] 'galinha', [kuríʒa] 'coruja', [buláša] 'bolacha'.⁵

Observe que tal restrição imposta as consoantes palatais pode explicar a ausência de formas com padrão acentual antepenúltimo que apresentem glides intervocálicos, i.e. *[ápojû]. O glide palatal (que espera-se ter comportamento similar a outras consoantes palatais) quando ocorre na última posição de onset não permite que o acento seja antepenúltimo. Em outras palavras, a restrição que previne segmentos consonantais ocuparem a última posição de onset em antepenúltimos explica porque formas como *[ápojû] e *[búlaša] não ocorrem (i.e. porque as palatais j e ʒ não podem ocorrer em última posição de onset em antepenúltimos).

As evidências em relação ao comportamento do glide intervocálico palatal e as consoantes palatais parecem apoiar a hipótese em que o glide intervocálico é interpretado como o segmento [i] silabificado em uma posição de onset – como proposto em (5). Isto porque o glide intervocálico palatal e as consoantes palatais são bloqueadas de ocuparem a posição final de onset em formas com padrão acentual antepenúltimo.

Entretanto, há um outro aspecto a ser considerado. As consoantes palatais podem ocupar a posição de onset imediatamente seguinte a vogal acentuada em antepenúltimos, i.e. [káñamû] 'cânhamo', [mészikû] 'México' e [frižidû] 'frígido'.⁶ Portanto, se os glides intervocálicos se comportam como outras consoantes palatais esperamos encontrar formas como [gójaba] (onde o glide ocuparia a posição de onset imediatamente seguindo a vogal acentuada). Mas formas como *[gójaba] não ocorrem em português. Quando o glide intervocálico ocorre precedendo a vogal final da

³ Ditongos pesados correspondem aos chamados ditongos decrescentes. Um ditongo pesado representa um domínio de governo onde a posição mais à esquerda é a cabeça e a outra posição o complemento.

⁴ Ditongos leves correspondem aos chamados ditongos crescentes. Neste caso uma única posição nuclear é associada a dois segmentos. A cabeça é o segmento mais à direita na sequência segmental.

⁵ O R forte (transcrito como [h]) também não ocorre nesta posição, i.e. *[sigahû]. O R forte em posição final de onset requer que o acento primário caia na vogal imediatamente precedente, i.e. [sigáhû]. As consoantes complexas [kw, gw] também mantêm esta relação com o acento primário (cf. Cristóvão Silva (1992a)).

⁶ Não encontramos em nosso corpus formas em que a lateral palatal ocupasse tal posição, i.e. *[pálasû].

raiz (a segunda da direita para a esquerda) o acento primário cairá na última vogal da raiz, i.e. [gojába].

A ausência de formas em que glides intervocálicos ocorrem imediatamente após uma vogal acentuada com padrão antepenúltimo, i.e. [*gójaba], nos dá evidência de que uma representação onde o glide seja silabificado em posição de onset não é adequada, i.e. (5) não é uma boa interpretação para glides intervocálicos em Português. Isto é porque se outras consoantes palatais podem ocorrer imediatamente após uma vogal acentuada com padrão antepenúltimo, e.g. [frížidú] 'frígido', esperaríamos encontrar formas com padrão acentual antepenúltimo onde o glide intervocálico palatal ocorresse imediatamente após a vogal acentuada, i.e. *[gójaba]. Tais formas não ocorrem.

Um argumento final para descartarmos a interpretação de glides intervocálicos palatais como [j] silabificado em posição de onset vem das restrições segmentais impostas as vogais que seguem ou precedem os glides, i.e. *[ijV] e *[Vji]. Glides palatais intervocálicos não ocorrem seguidos ou precedidos de vogal alta anterior. Se considerarmos as consoantes palatais observamos que estas podem ser seguidas ou precedidas por vogais altas anteriores: [nínú] 'ninho'; [mílú] 'milho'; [líšú] 'lixo' e [hižídú] 'rígido' ilustram vogais altas anteriores precedendo consoantes palatais. Exemplos de formas onde a vogal alta anterior segue a consoante palatal são: [kōpañia] 'companhia'; [kolídú] 'colhido'; [fušíkú] 'fuxico' e [mážíkú] 'mágico'.

Os argumentos apresentados acima nos dão evidência de que glides intervocálicos palatais não correspondem ao segmento [j] silabificado em posição de onset como proposto em (5) correspondendo a mais simples das alternativas para a silabificação de glides intervocálicos apresentadas em (4). Levemos então em consideração as outras duas possíveis representações dadas em (4b,c) as quais são reproduzidas abaixo.



As representações em (6) correspondem a seqüência de vogal-glide-vogal e são representações potenciais para a interpretação de glides intervocálicos. (6a) representa um ditongo pesado seguido por uma posição nuclear e (6b) representa uma posição nuclear seguida por um ditongo leve. Em Cristóvão Silva (1992b) apresentamos uma análise abrangente de glides em Português. Propomos ali que ditongos leves e pesados são ambos derivados de uma posição nuclear lexicalmente dada. De acordo com esta análise as duas representações dadas em (6) apresentam lexicalmente uma seqüência de três posições nucleares.

Note que tal proposta explica a distribuição de glides intervocálicos em relação ao acento primário. Vimos que português não permite glides postônicos em formas com padrão acentual antepenúltimo, i.e. *[ápojú] e *[gójaba]. A ausência de tais formas é explicada pela proposta de analisarmos glides intervocálicos como lexicalmente ocupando uma posição nuclear. Assim, numa forma como /apoíu/ → [apójú] 'apoio' o acento primário cai na vogal que imediatamente precede o glide porque esta é a terceira posição nuclear da esquerda para a direita – a última que permite o acento primário. Caso contrário o acento cairia na quarta posição nuclear da direita para a esquerda, i.e. [*ápojú], o que não é geralmente permitido em português.⁷ Em uma forma como /goiaba/ → [gojába] 'goiaba' o acento cai na vogal que imediatamente segue o glide porque caso contrário cairia na quarta posição nuclear da direita para a esquerda, i.e. *[gójaba]. Esta análise implica que devemos encontrar vogais altas intervocálicas acentuadas tonicamente. E temos exemplos como [baía] 'bahia' para confirmar esta predição.⁸

3 – CONCLUSÃO

Neste artigo argumentamos que glides palatais intervocálicos em português são derivados de uma posição nuclear lexicalmente dada. Nossa análise explica a distribuição de glides intervocálicos em relação ao acento primário.

⁷ Formas terminadas em *-ico* e *-ero* podem ter acento na quarta vogal da direita para a esquerda e geralmente apresentam uma vogal epentética *i* (cf. técnica, helicóptero).

⁸ Nomes e adjetivos apresentando uma vogal alta intervocálica com padrão acentual antepenúltimo não foram encontrados, i.e. *[baíaka] e *[baúaka]. Em verbos tal padrão é atestado, e.g. 'salamos' (cf. 'saíamos').

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOOUJ, G. (1989). "On the Representation of Diphthongs in Frisian". *Journal of Linguistics*. 25. 319-332.
- CAGLIARI, L. C. (1982). *Elementos de Fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: IEL. UNICAMP.
- CÂMARA (Jr), J. M. (1953). *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. Rio de Janeiro: Organizações Simões.
- _____. (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*. 14. ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, (1984).
- CHARETTE, M. (1988). *Some Constraints on Governing Relations in Phonology*. Ph.D. dissertation, McGill University.
- _____. (1990). *Conditions on Phonological Government*. Cambridge University Press.
- CLEMENTS, G. N. & S.J. KEYSER (1983). CV Phonology – A Generative Theory of the Syllable. *Linguistic Inquiry Monograph*. 9. MIT Press.
- CRISTÓFARO Silva, T. (1992a). "The Phonological Representation of Velar Stop-Glide Sequences". *SOAS Working Papers in Linguistics and Phonetics*. Number 2. University of London.
- _____. (1992b). "Nuclear Phenomena in Brazilian Portuguese", Ph.D. dissertation. University of London.
- _____. (1994). "A silabificação de glides no português brasileiro". *Boletim da ABRALIN*. Congresso em Salvador.
- GOLDSMITH, J. A. (1990). *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell.
- HARRIS, J. (1990). "Segmental Complexity and Phonological Government". *Phonology Yearbook* 7.2. 255-300.
- KAYER J. D. (1985). "On the Syllable Structure of Certain West African Languages". In: D. GOYVAERTS (ed.), *African Linguistics: Essays in Memory of M. W. K. Semkenke*, 285-308. Amsterdam: J. Benjamins.
- KAYE, J.D. (1989b). *Phonology: a Cognitive View* Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. N. J.
- _____. (1989c). "'Coda" Licensing". *Phonology Yearbook*: 7.2. 301-330.
- _____. (1989d). "On the Interaction of Theories of Lexical Phonology and Theories of Phonological Phenomena". *Phonologia*, 1988.
- _____. (ed). (1990b). *Phonology Yearbook* 7.2.
- KAYE, J. D. & J. LOWENSTAMM (1984). "De la Syllabicité". In: *Forme sonore du langage*. F. DELL, D. HIRST et J.-R. VERGNAUD (eds.). Paris: Hermann.
- KAYE, J. D., LOWENSTAMM, J. & J.-R. VERGNAUD (1985). "The Internal Structure of Phonological Elements: A Theory of Charm and Government". *Phonology Yearbook*. 2 (1990). 305-328.
- _____. (1990). "Constituent Structure and Government in Phonology". *Phonology Yearbook*. 7.2. 193-231.
- STERIADE, D. (1984). "Glides and Vowels in Romanian". *BLS Proceedings*. 10. Berkeley University Press. 47-54.
- YOSHIDA S. (1991). *Some Aspects on Governing Relations in Japanese Phonology*. Ph.D. dissertation. London: SOAS.

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Boletim informativo - *Bimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia e Ciências Humanas - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista do Instituto de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS, Brown University e Editora Mercado Aberto - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Semestral
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Semestral
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Semestral*
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **HÍFEN**
Revista do Campus II/PUCRS/ Uruguaiana - *Semestral*
- **ODONTOCIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia- *Semestral*
- **PSICO**
Revista especializada em Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA DA FAMECOS**
Revista da Faculdade dos Meios de Comunicação Social - *Semestral*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Sem Periodicidade*